

# Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão

## Critical assessment of Brazilian Geolinguistic and propose of a division

Valter Pereira Romano\*

**RESUMO:** Este artigo propõe-se a fazer um balanço crítico da Geolinguística no Brasil, uma vez que a elaboração de atlas linguísticos tem alcançado inúmeros avanços no território nacional desde seu início em 1963, ano em que Nelson Rossi publicou o primeiro atlas linguístico de um estado brasileiro, o Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, et al., 1963). Para tanto, parte de uma revisão da bibliografia com a finalidade de apresentar o estado da arte nesse cenário e propor uma divisão bipartida dos estudos geolinguísticos, considerando-se as características metodológicas de cada trabalho e as influências do Projeto Atlas Linguístico do Brasil neste campo de estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geolinguística brasileira. Balanço crítico. Proposta de divisão.

**ABSTRACT:** This article aims to make a critical assessment of Geolinguistic in Brazil, once the development of linguistic atlases has achieved numerous breakthroughs in the country since its inception in 1963, the year that Nelson Rossi published the first linguistic atlas of a Brazilian state, the Atlas Prévio dos Falares Baianos (Rossi, et. al., 1963). Therefore, from a review of the literature, the paper presents the state of art in this scenario and proposes a bipartite division of Brazilian geolinguistic studies, considering the methodological characteristics of each study and the influences of the Linguistic Atlas Project of Brazil in this area.

---

\* Mestre em Estudos da Linguagem (2012). Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Pesquisador do Atlas Linguístico do Brasil. Desenvolve pesquisas na área de Dialetologia e Sociolinguística. Email: valter.romano@hotmail.com

**KEYWORDS:** Brazilian Geolinguistics. Critical assessment. Proposed division.

## Introdução

Desde que os estudos geolinguísticos começaram a ser desenvolvidos no Brasil (década de 60), a elaboração de atlas linguísticos tem alcançado inúmeros avanços, principalmente, a partir de 1996, ano em que a equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil deu início às atividades do atlas linguístico nacional, já preconizado, na década de 1950, por eminentes estudiosos como Silva Neto (1957) e Antenor Nascentes (1958).

Atualmente, a Geolinguística brasileira<sup>†</sup> apresenta diversas obras de referência, a título de exemplo, citam-se Brandão (1991), Aguilera (1998), Aguilera (2005), Isquero (2008), Cardoso (2010), além de muitos outros livros e artigos publicados em periódicos e anais de eventos, demonstrando o quanto esta área de estudo tem ganhado adeptos.

Porém, uma consulta à literatura da área revela que o último levantamento detalhado sobre a Geolinguística data o ano de 2006 e se refere ao trabalho de Aguilera, no qual a autora levanta aspectos metodológicos empreendidos pelos atlas estaduais e regionais até então publicados, em elaboração ou projetados. De 2006 a 2013, no âmbito dos estudos geolinguísticos, muito foi realizado, sobretudo, no que se refere à elaboração de *atlas linguísticos de pequeno domínio*.

Dessa forma, o presente trabalho objetiva: (i) apresentar à comunidade científica um balanço crítico e atualizado dos estudos geolinguísticos

---

<sup>†</sup> Este trabalho não se detém na discussão sobre a Geolinguística vista apenas como método da Dialetolegia ou como um ramo dos estudos dialetais, portanto, como uma disciplina. Os estudos geolinguísticos têm se desenvolvidos de tal forma que, na bibliografia consultada (RADTKE & THUN, 1996; THUN, 1998; CARDOSO, 2002; MARGOTTI, 2008), existe uma metodologia já sedimentada para a elaboração de atlas linguísticos. Entende-se, desta forma, a Geolinguística com *status* de disciplina, um campo de investigação.

desenvolvidos e em desenvolvimento no país e (ii) propor uma divisão dos atlas linguísticos considerando-se os aspectos metodológicos de cada um. Para tanto, inicialmente, tecem-se algumas reflexões sobre a Dialetologia e a Geolinguística no Brasil e, em seguida, passa-se à descrição dos aspectos de cada atlas.

### **Para uma divisão dos estudos geolinguísticos no Brasil: os dois momentos**

Originada, inicialmente, sob a égide da diacronia, a Geolinguística veio a se constituir como uma área de interesse no âmbito dos estudos linguísticos nos fins do século XIX e início do XX na Europa Ocidental (IORDAN, 1962) e, a partir de lá, expandiu-se para outros continentes refletindo-se na América com os trabalhos de Hans Kurath (1939) na elaboração do *Linguistic Atlas of New England (LANE)*, Tomás Navarro (1946) sobre o espanhol porto-riquenho e outros estudiosos que os sucederam na Colômbia, no México, no Chile<sup>‡</sup>.

No Brasil, este novo modo de estudar a heterogeneidade da linguagem, por meio de atlas linguísticos<sup>§</sup>, veio firmar suas raízes somente a partir da década de 1960 com Nelson Rossi na Universidade Federal da Bahia.

Porém, os estudos sistemáticos de natureza dialetal no território brasileiro remontam à década de 1920, ano em que Amadeu Amaral publicou *O Dialeto Caipira* (1920), seguindo-se *O Linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes (1922/1953), *A linguagem dos Cantadores*, de Clóvis Monteiro (1933), *A Língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934) e os trabalhos de Teixeira - o *Falar Mineiro* (1938) e *Estudos de dialetologia portuguesa: A linguagem de Goiás* (1944).

---

<sup>‡</sup> Para uma visão panorâmica do desenvolvimento da Geolinguística na América Latina, confira Contini (2001-2002).

<sup>§</sup> “distinguem-se os atlas linguísticos dos atlas geográficos comuns também porque não contêm mapas de vários territórios, mas uma série de mapas do mesmo território, e precisamente um mapa para cada conceito ou para cada fonema (série de fonema) cuja expressão concreta tenha sido comprovada pelo investigador numa rede de pontos (localidades) previamente estabelecida” (COSERIU, 1987, p.82).

Estudiosos como Nascentes (1953), Ferreira; Cardoso (1994) e Mota; Cardoso (2006) sistematizam os estudos dialetais no Brasil dividindo-os em fases, cada qual com as características que as identificam. Mota; Cardoso (2006), considerando trabalhos anteriores, propõem quatro fases para os estudos dialetais brasileiros:

- 1ª fase – compreende o período de 1826 a 1920;
- 2ª fase – compreende o período de 1921 a 1952;
- 3ª fase – compreende o período de 1953 a 1996
- 4ª fase – compreende o período de 1996 aos dias atuais.

De acordo com as autoras, cada uma dessas fases tem em seu marco inicial e final obras ou iniciativas científicas que visam ao desenvolvimento dos estudos dialetais. Grosso modo, a primeira fase caracteriza-se pelo predomínio da produção de obras de caráter lexicográfico. A segunda, pela produção de obras de caráter monográfico, específicas de determinada região, além da produção de obras gerais sobre o português do Brasil. A terceira fase caracteriza-se, principalmente, pelo surgimento dos trabalhos geolinguísticos, com a elaboração de atlas de diferentes estados da Federação. A quarta fase refere-se aos trabalhos dialetais desenvolvidos a partir do momento em que o Projeto ALiB deu início às suas atividades\*\*.

Conforme se observa, os estudos geolinguísticos, para Mota; Cardoso (2006), encontram-se inseridos na terceira fase dos estudos dialetais brasileiros e marcam o início de uma “mentalidade dialetológica” que aos poucos foi se difundindo pelo país. Porém, o que se observa é uma diferença entre os trabalhos da terceira fase e os da quarta fase. Nesse sentido, propõe-se, neste trabalho, dividir os estudos geolinguísticos em dois momentos.

---

\*\* Nos limites deste artigo, não se alonga nessas categorizações. Para mais detalhes de cada uma das fases da Dialetologia brasileira, confira Mota; Cardoso (2006).

O primeiro momento tem como marco inicial a publicação do primeiro atlas linguístico estadual, o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (ROSSI et al., 1963) e se estende até 1996 - ano em que o projeto ALiB deu início às suas atividades com o esforço de dialetólogos de todo o país. Os atlas linguísticos desenvolvidos ou projetados neste período de 33 anos seguem pressupostos metodológicos anteriores aos do ALiB, portanto, divergem quanto à metodologia, ora priorizando a diatopia: Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI et al., 1963), Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO et al. 1977), Atlas Linguístico da Paraíba (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984), Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALTENHOFEN; KLASSMAN, 2011), ora incluindo outras dimensões da variação, como a diagenérica - Atlas Linguístico de Sergipe (FERREIRA et al., 1987) e o Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994). São trabalhos pioneiros no campo da Geolinguística brasileira, que revelam o amadurecimento de uma mentalidade dialetológica já preconizada em 1957 por Silva Neto. Alguns desses atlas foram divulgados e publicados após 1996, porém pertencem ao primeiro momento devido às suas particularidades metodológicas.

O segundo momento da Geolinguística brasileira vai de 1996 até os dias atuais. Os trabalhos deste período já apresentam influência dos pressupostos metodológicos do ALiB, caminhando para uma visão pluridimensional da variação. É nesse segundo momento que há um incremento prodigioso da elaboração de *atlas linguísticos de pequeno domínio*, a partir de projetos incentivados pelos diretores científicos do ALiB.

Nas próximas seções, apresentam-se as principais características dos atlas linguísticos que integram o primeiro momento. Em seguida, detalham-se aspectos do Projeto ALiB, considerado o marco divisório nessa proposta e, por fim, passa-se à descrição dos atlas que integram o segundo momento da Geolinguística brasileira, bem como a enumeração dos atlas de pequeno domínio.

### **Primeiro Momento da Geolinguística brasileira (1963-1996)**

Este primeiro momento caracteriza-se pela produção de atlas linguísticos estaduais. Encontram-se, neste período, atlas linguísticos que podem ser divididos em três categorias: *publicados* (oito atlas), *não publicados* (um atlas) e *interrompidos* (dois atlas). Um traço marcante desse primeiro momento é a divergência quanto à metodologia empregada em cada trabalho.

#### **Atlas publicados**

##### O Atlas Prévio dos falares Baianos - APFB (1963)

O primeiro atlas linguístico brasileiro é de autoria do professor Nelson Rossi, Dinah Callou e Carlota Ferreira e colaboradores. Foi desenvolvido entre os anos de 1960-62 com financiamento integral da UFBA. Este atlas mapeia o falar baiano da década de 1960 contemplando 16 zonas fisiográficas da Bahia numa rede de 50 pontos linguísticos. O Extrato de Questionário do APFB<sup>††</sup> constou de 182 questões de caráter semântico-lexical que resultaram em 154 cartas linguísticas com transcrição fonética, outras poucas com sinais convencionais e mais 44 cartas-resumo, além de 11 cartas introdutórias. Vale notar também que as cartas linguísticas vêm com informações etnográficas (figuras), ora com notas do discurso dos autores ora com o discurso dos informantes. Os dados das cartas referem-se à fala de 100 informantes analfabetos ou semianalfabetos de ambos os sexos. Foram entrevistados 57 mulheres e 44 homens. A maioria dos informantes tinha entre 39-69 anos, quatro informantes com 25 anos e uma com 84 anos. Em duas localidades

---

<sup>††</sup> Quanto ao Questionário do APFB, Ferreira (1998) assim se expressa: "Sem modelo precedente no Brasil para espelhar-se, adaptando-o à realidade baiana, o questionário usado para o APFB foi elaborado a partir de experiências dialetais anteriores [...] nos anos de 1958 e 1959 aplicaram-se questionários de mais de 3.000 perguntas divididos em quatro grandes áreas semânticas: Terra, Vegetais, Homem e Animais a informantes rurais de quatro localidades do interior do Estado: Bom Despacho (1958), São José das Itapororocas, Tanquinho e São Vicente (1959). A partir da análise das respostas fornecidas pelos informantes nestas quatro localidades, o que proporcionou um estudo detalhado de várias lexias, elaborou-se o propriamente denominado Extrato de Questionário (EQ)" (FERREIRA, 1998, p. 17).

foram entrevistados três indivíduos, identificados como A, B, C, em um ponto linguístico (nº5 – Abrantes) foram inquiridos seis informantes e, nos pontos mais afastados, apenas um indivíduo (6 pontos). A transcrição dos dados foi realizada *in loco* devido à carência de recursos de gravação da época. Também como procedimento metodológico foi utilizado o teste de identificação quando necessário. Quanto aos resultados, as cartas lexicais que formam isoléxicas, quando confrontadas, apontam 5 subáreas dos falares da Bahia: i) zona de Barreiras, Baixo Médio São Francisco e Sertão de São Francisco; ii) Zona do Nordeste, atingindo até o sul, com certa penetração para o centro; iii) Zona do Nordeste, Litoral Norte e Recôncavo; iv) Região Sul; v) Zona Médio São Francisco, Serra Geral e Chapada Diamantina.

#### Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – EALMG (1977)

Passados catorze anos da publicação do APFB, outros atlas linguísticos foram desenvolvidos. O segundo deles foi o Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais, de autoria de José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antonio Gaio. Esse atlas foi projetado para ser publicado em quatro volumes. O volume I foi publicado em 1977 e os outros estariam em fase de elaboração<sup>++</sup>. Esse atlas teve um questionário próprio com 415 questões aplicado por meio da pesquisa *in loco* em 116 pontos linguísticos. Com finalidade complementar aos dados constatados pelos inquéritos diretos, em 302 localidades foram feitos inquéritos por correspondência. Este primeiro e único volume do EALMG traz os resultados da pesquisa realizada diretamente e contém 73 cartas linguísticas das quais 45 são onomasiológicas de caráter lexical e léxico-fonético e 28 cartas são de isófonas e de isoléxicas.

Nesse atlas, não houve o controle sistemático das variáveis sociais, pois os informantes poderiam ser homens ou mulheres com a idade entre 30 e 50

---

<sup>++</sup> Com o falecimento de Zágari, em 2010, é provável que, devido a possíveis dificuldades da equipe, o EALMG não tenha os demais volumes publicados.

anos, preferencialmente, analfabetos ou com o máximo de escolaridade até a quarta série do primeiro grau (hoje quinto ano do Ensino Fundamental). Entretanto, conforme se verifica na apresentação do atlas, quase todos os informantes são homens, num ou noutro ponto foi entrevistada uma informante do sexo feminino, mantendo-se, pois, os critérios da Dialectologia tradicional ou monodimensional. Apesar de o perfil do informante, na prática, seguir o critério tradicional, vale notar que o EALMG atingiu grandes, médias e pequenas cidades, além dos lugares mais afastados do sertão mineiro. Os dados do EALMG revelam a existência de três falares no território mineiro: i) o falar paulista do Sul e Triângulo Mineiro; ii) o falar baiano do Norte e iii) o falar mineiro que compreende a região formada pelas Zonas Metalúrgica, da Mata e das Vertentes.

#### Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB (1984)

O terceiro atlas linguístico estadual publicado, de autoria de Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleuza de Bezerra de Menezes, é parte de um projeto maior “Levantamento Paradigmo-Sintagmático do Léxico Paraibano”, foi planejado para ser divulgado em três volumes, dos quais somente os dois primeiros se encontram publicados. As pesquisadoras entrevistaram de 3 a 10 informantes em 25 localidades. Foram entrevistados homens e mulheres que se enquadravam na faixa de 30 a 75 anos, naturais da região e com pouca instrução escolar. Esses informantes responderam a dois questionários, um geral, com 289 questões e um específico, com 588. A inovação desse atlas é quanto ao método de coleta, pois a pesquisa foi realizada *in loco* e gravada com o auxílio de gravadores portáteis. O primeiro volume é composto de 149 cartas (lexicais e fonéticas) e o segundo apresenta a análise de fenômenos fonéticos e morfossintáticos, além de um glossário. Segundo Aragão (2005, 76), o terceiro volume está com o material coletado aguardando condições de elaboração. Sobre a riqueza do material documentado, uma das autoras faz as seguintes considerações: “O material colhido para a elaboração do Atlas



Linguístico da Paraíba, por sua riqueza em quantidade e qualidade, permite análises diversas, do nível fonético-fonológico ao semântico; do léxico ao morfo-sintático” (ARAGÃO, 2005, p. 82).

#### Atlas Linguístico do Sergipe - ALS (1987)

Trata-se de uma continuação do APFB devido ao fato de o estado de Sergipe, segundo Nascentes (1953), estar dentro do falar baiano, tanto que os 15 pontos investigados começam no número 51, dando continuidade à numeração do atlas de Rossi et al. (1963), que vai de 1 a 50. Esse atlas também foi realizado por um grupo de pesquisadoras da UFBA: Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso e Vera Rolembeg, orientadas por Nelson Rossi. Apesar de, em 1973, o atlas já estar pronto para publicação, devido à falta de auxílio financeiro, veio a se tornar público somente em 1987. O ALS apresenta alguns avanços metodológicos em relação ao APFB, no que se refere ao questionário que foi expandido para 700 questões, o uso de gravadores na coleta de dados e o controle sistemático da variável sexo. Em cada uma das localidades foram entrevistados um homem e uma mulher de 35 a 52 anos, analfabetos ou com o mínimo de escolaridade. Segundo Thun (1998) esse atlas enquadra-se entre os primeiros considerados como pluridimensionais:

Les premiers représentants d'un atlas linguistique systématiquement pluridimensionnel sont l'*Atlas Linguístico de Sergipe*, Bahia, 1987, de Carlota da Silveira Ferreira *et alii*, le microatlas aranéen contenu dans la monographie de Otto Winkelmann (1989) e l'*Atlas Linguístico do Paraná (ALP)*, Curitiba 1994, de Vanderci de Andrade Aguilera [...].<sup>§§</sup> (THUN, 1998, p. 375)

---

<sup>§§</sup> Os primeiros representantes de um atlas linguístico sistematicamente pluridimensional são o *Atlas Linguístico de Sergipe*, Bahia, 1987, de Carlota da Silveira Ferreira et all, o microatlas do Val d'Aran contido na monografia de Otto Winkelmann (1989) e o *Atlas Linguístico do Paraná (ALP)*, Curitiba 1994, de Vanderci de Andrade Aguilera [...]. (Tradução livre)

A cartografia do ALS seguiu os itens coincidentes com o APFB, ficando, pois, um volume grande de informação a que, mais tarde, Cardoso, em 2002, daria um tratamento, publicando o segundo volume, o ALS II em 2005.

#### Atlas Linguístico do Paraná - ALPR (1994)

Como resultado de sua tese de doutoramento em Letras pela UNESP-Assis (1990), Vanderci de Andrade Aguilera publica, em 1994, o Atlas Linguístico do Paraná, apresentando-o em dois volumes. O volume 1 traz informações metodológicas, tais como a descrição das localidades, a apresentação das cartas e um glossário das formas cartografadas. No segundo volume, está um conjunto de 92 cartas lexicais, 70 cartas fonéticas e 29 cartas que oferecem o traçado de isoglossas. A autora e suas colaboradoras percorreram 65 municípios paranaenses aplicando um questionário de 325 questões a dois informantes em cada localidade, um homem e uma mulher, de 30 a 60 anos, naturais da região, analfabetos ou com o mínimo de escolaridade. A pesquisa também foi realizada com o auxílio de gravadores de áudio possibilitando a transcrição *a posteriori*. Outro aspecto metodológico positivo do ALPR é a preocupação em incluir no instrumento de coleta de dados questões coincidentes com os atlas linguísticos até então publicados, o que permite um estudo comparativo. Assim como o ALS, um grande número de questões não foram cartografadas, ficando, pois, a cargo de Altino (2007) dar um tratamento aos dados ainda inéditos do ALPR.

#### O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul - ALERS (2002/2011)

Apesar de publicado em 2002 e 2011, o ALERS surgiu na década de 1980 e foi desenvolvido pelo professor Walter Koch com a colaboração de Mário Klassmann (UFRGS), Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS), José Luiz da Veiga Mercer (UFPR), Oswaldo Furlan (UFSC), Hilda Gomes Vieira (UFSC) e Felício Wessling Margotti (UFSC). O ALERS é o único atlas brasileiro que recobre toda uma região administrativa do Brasil, três estados (Paraná, Santa Catarina e Rio

Grande do Sul). O questionário do ALERS é composto por 700 questões que, desdobradas, chegam a 1000 itens, contemplando os níveis fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático. A rede de pontos linguísticos compreende a zona rural (Paraná com 100 pontos; Santa Catarina, 80; Rio Grande do Sul, 95) e a zona urbana (6 pontos no Paraná, 7 em Santa Catarina e 6 no Rio Grande do Sul) totalizando 294 pontos de inquérito. Em cada localidade foi entrevistado um informante principal do sexo masculino acompanhado por uma informante auxiliar do sexo feminino, geralmente esposa ou mãe, analfabetos ou com o máximo de escolaridade até a 4ª série do primário (hoje 5º do Ensino Fundamental). Em 2002, foram publicados os primeiros volumes. No volume 1, encontram-se, além da introdução, informações metodológicas do trabalho, tais como a rede de pontos, o perfil dos informantes, a leitura das cartas linguísticas etc.; o volume 2 apresenta os primeiros resultados fonéticos e morfossintáticos por meio de 174 cartas linguísticas, das quais 70 são cartas fonéticas e 104 morfossintáticas<sup>\*\*\*</sup>. O terceiro volume do ALERS, recentemente publicado pelas editoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal de Santa Catarina, apresenta os dados lexicais. No total, são apresentadas 374 cartas semântico-lexicais contemplando todas as áreas semânticas do questionário. Constam ainda deste volume a introdução, os mapas auxiliares, anexos e um índice remissivo. O ALERS trouxe uma inovação aos estudos geolinguísticos quanto ao método cartográfico totalmente informatizado. Assim, para cartografar foi utilizado um programa computacional que permite visualizar, na legenda, gráficos e traçados de isoglossas. Entretanto, vale notar que este atlas é considerado monodimensional por não trazer na sua cartografia informações dos dois gêneros, privilegiando, dessa forma, somente a diatopia.

---

<sup>\*\*\*</sup> Os dois primeiros volumes foram reeditados e reunidos em uma única edição em 2011. A segunda edição apresenta 53 cartas fonéticas e 94 cartas morfossintáticas.

#### Atlas Linguístico do Ceará (2010)

O Atlas Linguístico do Ceará – ALCE – foi publicado em 2010, porém, o projeto vinha sendo desenvolvido desde 1978 por pesquisadores da Universidade Federal do Ceará, coordenado por José Rogério Fontenele Bessa. Esta obra é composta por dois volumes: o primeiro contendo uma introdução, antecedentes históricos e as orientações teóricas e metodológicas seguidas. O segundo volume consta de 256 cartas lexicais e fonéticas que mapeiam o resultado da pesquisa junto a 70 localidades cearenses. O questionário do atlas consta de 306 questões de caráter semântico-lexical aplicado a quatro informantes em cada localidade. Levou-se em consideração a variável faixa etária, entrevistando informantes de 30 a 60 anos, de ambos os sexos, analfabetos e com o ensino fundamental completo. Dessa forma, com a publicação do ALCE, pode-se concordar com Brandão (1991), ao afirmar que este atlas é “um instrumento capaz de fornecer dados para a reformulação do ensino de língua portuguesa” (BRANDÃO, 1991, p.64), além de revelar as características do falar cearense.

#### Atlas Linguístico de Sergipe II (2005)

Como resultado de sua tese de doutoramento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002), Suzana Alice Marcelino Cardoso, em 2005, publicou o ALS II. A autora deu um tratamento geolinguístico aos dados coletados na década de 1960 que não foram aproveitados para a elaboração do ALS (FERREIRA, et al., 1987), mais especificamente a área semântica do Homem que compreende das questões 144 a 381. Esta obra é composta de dois volumes, o primeiro contendo uma introdução, os aspectos metodológicos e comentários às cartas linguísticas e o segundo volume constando de três cartas introdutórias e 105 cartas semântico-lexicais. Este atlas, conforme Cardoso (2005), é um “atlas de segunda geração”, pois avança para a interpretação de alguns fenômenos registrados. Apresenta gráficos de frequência, notas e comentários dos informantes, quando necessário, e figuras dos referentes

perguntados em algumas cartas, além das transcrições fonéticas no verso de cada carta.

### **Atlas não publicado**

Atlas Linguístico do Paraná II ( 2007)

Fabiane Cristina Altino defendeu sua tese de doutoramento em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina, no ano de 2007, apresentando o Atlas Linguístico do Paraná II. Na sua tese, a autora cartografou os dados coletados ainda inéditos do ALPR (1994). Como a maioria dos trabalhos desta natureza, Altino apresenta o trabalho em dois volumes, o primeiro contendo a introdução e aspectos teórico-metodológicos da pesquisa e o segundo com 125 cartas lexicais, 50 cartas fonéticas e duas cartas dialectométricas. A numeração das cartas segue a ordem do ALPR, continuando do número 192 a 368, portanto, este atlas contém 177 cartas. O método dialectométrico empregado foi o aspecto inovador e pioneiro desse atlas, o que gerou as cartas 367 e 368, indicando respectivamente, os valores do Índice Relativo de Distância (IRD) e do Índice Relativo de Identidade (IRI) entre os falares paranaenses no que se refere ao léxico. Segundo a autora (2009, p. 59): “A tarefa de seleção dos conteúdos e a adequação textual pertinentes à editoração estão se iniciando e, em breve o Paraná, assim como Sergipe, terá dois atlas linguísticos publicados.”

### **Atlas interrompidos**

O Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (ALESP) e o Atlas Etnolinguístico do Acre (ALAC) são dois projetos de atlas linguísticos que existiam antes mesmo do início das atividades do Projeto ALiB, porém por motivos diversos não foram concluídos.

Atlas linguístico do Estado de São Paulo (ALESP)

O ALESP é um projeto de atlas que se encontra suspenso, “por questões diversas, relacionadas, sobretudo, a vicissitudes ligadas à equipe” (ISQUERDO, 2006, p. 82-83). É um projeto idealizado pelo professor Pedro Caruso, grande incentivador das pesquisas geolinguísticas no Brasil. Desde 1988, os dados estão coletados esperando tratamento. Foram inquiridas 100 localidades do estado junto a dois informantes (homem e mulher) em cada ponto linguístico da rede. O questionário do ALESP foi publicado em 1982 e compõe-se de 317 questões divididas em duas áreas semânticas (Homem, com 149 e Terra, com 161). Somam-se ao final do questionário seis questões sobre lendas e superstições e uma de relato pessoal. Vale notar que o Atlas Linguístico do Estado de São Paulo influenciou a elaboração de outros atlas como o Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina (AGUILERA, 1987), o Atlas linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994) e o Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007). Entre os dialetólogos brasileiros, ressurte-se a não conclusão deste atlas que, segundo Isquerdo (2006, p. 83):

representa uma lacuna nos estudos dialetológicos brasileiros, em virtude da importância do estado de São Paulo na história social da colonização e do povoamento de diferentes estados da Federação, entre outros, o Paraná, o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul. O cruzamento dos dados do ALESP com os documentados nesses Estados poderia contribuir para a definição de isoglossas a respeito de traços fonéticos ou lexicais que, por sua vez, poderia refletir diferentes momentos da história do Brasil que marcaram o sistema de povoamento desses Estados, como o movimento de entradas e bandeiras (séc. XVI e XVII), o ciclo do tropeirismo que se inicia no século XVII, dentre outros.

#### Atlas Linguístico do Acre (ALAC)

Não são muitas as informações que se tem sobre este projeto de atlas até hoje não concluído. Este projeto tinha como coordenadora Luíza Galvão Lessa, da Universidade Federal do Acre. A ideia do projeto do ALAC surgiu em 1988, sob a orientação do então professor de Língua Portuguesa da UFRJ, Celso Cunha. Daquela data até 1998, o projeto contava com 176 horas de gravações do Questionário Geral referentes a três localidades: Vale do Acre, do

Vale do Juruá e do Vale do Purus e 324 horas de gravações com o Questionário Específico. De acordo com Lessa (1998, p.138), este atlas faz parte de um projeto maior, o CEDAC (Centro de Estudos Dialetológicos do Acre), que abriga, além do ALAC, mais três projetos: *o Norma Urbana Culta de Rio Branco – NUC* (1990), *o Estudo Etnolinguístico do povo Arara – ARARA* (1992) e o projeto *O homem e o meio ambiente acreano: a linguagem como expressão de cultura - HOMO* (1996). Os resultados das pesquisas foram disponibilizados para os pesquisadores pela publicação de *Cadernos* específicos para cada área.

Existem informações de que a professora Maria do Socorro Aragão, da Universidade Federal Paraiba, por ocasião da 59ª Reunião do SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), realizada em Belém, em julho de 2007, apresentou uma nova proposta para a concretização do Atlas Linguístico do Acre (ALiAC), formando uma equipe que elaborará uma nova coleta de dados por regiões, sob metodologia única nos moldes do projeto ALiB<sup>+++</sup>.

### **Novos rumos da Geolinguística brasileira: O Projeto ALiB - (1996)**

O marco divisório que separa os dois momentos da Geolinguística brasileira é o Projeto ALiB. Concretizada a mentalidade dialetológica entre os estudiosos brasileiros dos primeiros atlas linguísticos, observa-se que, em muitos casos, não há uma uniformidade metodológica<sup>+++</sup> naqueles trabalhos, que possibilite estudos comparativos e contrastivos com vistas a revelar uma visão geral da língua falada no Brasil.

---

<sup>+++</sup> Informações constantes do texto publicado nos Anais do 59ª Reunião do SBPC, disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/59ra/pdf/AragaoAtlas.pdf> Acesso: 01 set. 2013.

<sup>+++</sup> Por exemplo, o APFB, o EALMG e o ALPB podem ser considerados como atlas monodimensionais, pois não apresentam na cartografia variáveis sociais, privilegiando a dimensão diatópica. Já, com o ALS e o ALPR, a variável sexo recebeu uma atenção especial, não somente na coleta de dados, como também na cartografia, sendo possível identificar as respostas dos homens e das mulheres em suas cartas, trata-se, pois, de atlas bidimensionais.

Dessa forma, em novembro de 1996, na ocasião do Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, ocorrido em Salvador/BA, dialetólogos de todo o país, assessorados pelo pesquisador francês Michel Contini, da Universidade de Grenoble, reuniram-se e assumiram o grande desafio de elaborar um atlas nacional, retomando a ideia dos eminentes linguistas brasileiros do início da segunda metade do século XX. Este atlas, assim, possuiria uma metodologia única e revelaria a realidade linguística brasileira. Estava, pois, dado início às atividades do Projeto ALiB.

Este projeto interinstitucional, sediado na UFBA, sob a presidência da Dr<sup>a</sup>. Suzana Alice Marcelino Cardoso, e coordenado por um Comitê Nacional, envolve quinze instituições universitárias brasileiras. Tem como objetivo principal descrever a variante brasileira da língua portuguesa nos níveis fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático e pragmático-discursivo, sob a perspectiva da Dialetologia pluridimensional (THUN, 1998).

Para tanto, a equipe do Projeto, no período que compreende os anos de 2001 a 2013<sup>§§§</sup>, aplicou questionários a informantes de duas faixas etárias (18-30 e 50-65 anos), de ambos os sexos, em todo o território nacional (interior e capital). Em cada localidade do interior entrevistaram-se quatro informantes de nível fundamental e nas capitais somam-se a estes quatro informantes de nível superior.

No total, o *corpus* do projeto consta de um volume de gravações que revela características da língua falada por 1100 brasileiros do século XXI. Atualmente, a coleta de dados nos 250 pontos linguísticos selecionados pelo projeto está concluída e o ALiB entra em uma nova fase de sua elaboração, a transcrição e revisão desses dados para posterior armazenamento em um banco de dados geral.

---

<sup>§§§</sup> O primeiro inquérito para a constituição do *corpus* do ALiB foi realizado no dia 01 jun. de 2001 pela Equipe da Regional Paraná, em Quirinópolis-GO (ponto 126) e o último inquérito foi realizado no dia 18 de set. 2013 pela Equipe da Bahia em Limoeiro-PE e Olinda-PE (pontos 64 e 65).



Paralelamente a essas tarefas, as equipes regionais, coordenadas pelos diretores científicos do Comitê Nacional, estão em fase de preparação do primeiro volume da série que constituirá o atlas, dando tratamento a uma parte dos dados referentes as 25 capitais\*\*\*\*.

A partir do início das atividades do Projeto ALiB em 1996, os estudos geolinguísticos no Brasil tomaram novo fôlego. Atualmente, ao quadro dos atlas linguísticos estaduais publicados, os já citados APFB (1963), EALMG (1977), ALPB (1984), ALS (1987), o ALPR (1994), ALS II (2007), ALPR II, ALCE (2010) somam-se três atlas estaduais (ALiSPA, ALMS, ALAM) e um regional (ALERS). O ALPR II e o ALERS já foram apresentados por empregarem uma metodologia anterior ao ALiB, pertencendo ao primeiro momento da Geolinguística brasileira.

### **Segundo Momento da Geolinguística brasileira: no caminho da pluridimensionalidade (a partir de 1996)**

Apresentam-se, nas próximas seções, os atlas que dão início a um segundo momento dos estudos geolinguísticos no Brasil, ou seja, aqueles que têm influência da metodologia do ALiB, seja na definição da rede de pontos, perfil dos informantes ou no instrumento de coleta de dados. São atlas de diversas regiões brasileiras, portanto, diferem quanto a alguns aspectos metodológicos, entretanto, caminham rumo à descrição pluridimensional da variação linguística (THUN, 1998), agregando à dimensão diatópica (geográfica) outras dimensões da variação como, por exemplo, a diagenérica (sexo), diageracional (idade), diafásica (estilo), entre outras variáveis extralinguísticas que começam a tomar espaço na metodologia destes atlas.

O traço marcante do Segundo Momento é a pluridimensionalidade e o incremento prodigioso da elaboração de *atlas de pequeno domínio*. Assim, os

---

\*\*\*\* Para mais informações do Projeto ALiB, acesse:

<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome> Dados consultados em 11 dez. 2013.

trabalhos estão agrupados em cinco categorias: *publicados, não publicados, em andamento, projetados* e de *pequeno domínio*. Para estes últimos, considerando a quantidade de trabalhos, a extensão e os objetivos do presente artigo, não se empreende uma descrição detalhada da metodologia empregada. Nos limites do texto, apresenta-se um quadro sinóptico com informações relevantes, tais como título, autor, ano, instituição e natureza do trabalho.

### **Atlas publicados**

Atlas Linguístico Sonoro do Pará (2004)

Se com o ALERS (2004) os estudos geolinguísticos deram um passo à frente no que se refere à cartografia informatizada, com o ALiSPA, de autoria de Abdelhak Razky, é possível ouvir a fala dos informantes.

Esse atlas inaugura a terceira geração de atlas linguísticos, segundo Cardoso (2010), a geração dos 'atlas falantes'. O ALiSPA faz parte de um projeto maior: o Projeto Atlas Geo-sociolinguístico do Pará, em andamento. Com base nos dados coletados por meio da aplicação do Questionário Fonético-Fonológico do ALiB, composto de 157 questões, Razky organizou um CD-ROM com o qual é possível cruzar informações gerando 600 cartas informatizadas nas quais se visualizam as transcrições fonéticas e também é possível ouvir a fala dos informantes, além de propiciar o cruzamento de informações das variáveis obtendo gráficos de frequência.

A rede de pontos linguísticos do ALiSPA é composta por 10 cidades que representam seis mesorregiões do Pará: 1. Santarém (Mesorregião do Baixo Amazonas), 2. Breves (Mesorregião Marajó), 3. Belém (Mesorregião Metropolitana de Belém), 4. Bragança, Cametá e Abaetetuba (Mesorregião Nordeste Paraense), 5. Itaituba e Altamira (Mesorregião Sudoeste Paraense), 6. Marabá e Conceição do Araguaia (Mesorregião Sudeste Paraense). Em cada ponto linguístico foram entrevistados quatro informantes com a escolaridade máxima até o quinto ano do Ensino Fundamental, distribuídos equitativamente segundo a variável sexo.

#### Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (2007)

Organizado por Dercir de Gomes de Oliveira com a colaboração de Albana Xavier Nogueira, Aparecida Negri Isquerdo e Maria José Gomes, o Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul constitui o primeiro atlas linguístico da região Centro-Oeste publicado. O ALMS conta com uma rede de 32 pontos e com dados referentes à fala de 128 informantes analfabetos e/ou até o quinto ano do ensino fundamental, de ambos os sexos. O questionário usado consta de 557 questões de caráter semântico-lexical e fonético. Este atlas é composto por 207 cartas linguísticas, das quais 47 são fonéticas, 153 semântico-lexicais e 7 morfossintáticas. Constam também a introdução, as orientações metodológicas para a leitura das cartas e, no final da obra, algumas considerações sobre o léxico e fotos do trabalho de campo. As cartas linguísticas foram geradas de modo informatizado por meio da utilização do programa computacional SPDGL (Sistema de Processamento de Dados Geolinguísticos).

#### **Atlas não publicados**

Ao quadro dos oito atlas estaduais brasileiros publicados abrangendo os dois grandes momentos (Primeiro momento: APFB, EALMG, ALS, ALPB, ALPR, ALS II; Segundo Momento: ALMS, ALiSPA) somam-se mais três atlas estaduais ainda inéditos, o já citado Atlas Linguístico do Paraná II, pertencente ao Primeiro Momento, o Atlas Linguístico do Amazonas e o Atlas Semântico-lexical do Estado de Goiás, todos defendidos como tese de doutoramento.

#### Atlas Linguístico do Amazonas (2004)

Maria Luíza de Carvalho Cruz defendeu em 2004 sua tese de doutorado na UFRJ, sobre o Atlas Linguístico do Amazonas, apresentando-o em dois volumes. O primeiro volume traz a parte introdutória e teórico-metodológica da pesquisa; no segundo volume, a autora apresenta 257 cartas linguísticas, das quais 107 são fonéticas e 150 semântico-lexicais. A autora do atlas percorreu

nove pontos linguísticos do Amazonas entrevistando seis informantes, em cada ponto, de ambos os sexos pertencentes a três faixas etárias distintas: 18 a 35; 36 a 55 e 56 a 75 anos, todos de, no máximo, ensino fundamental de instrução (5º ano) aos quais foi aplicado um questionário fonético-fonológico com 162 questões e um semântico-lexical com 329, além da gravação de elocuições livres que subsidiarão posteriores pesquisas na área da morfossintaxe e da prosódia.

#### Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (2008)

O MicroAFERJ foi o resultado da tese de doutoramento de Fabiana da Silva Campos de Almeida, na UFRJ. O atlas contemplou 12 localidades flumineses. O trabalho constitui-se de dois volumes, o primeiro de caráter introdutório e o segundo contendo 306 cartas fonéticas. As cartas linguísticas são acompanhadas por notas, assim como já se observa no ALPR (1994), ALS II (2005) e no ALERS (2011). Um ponto a salutar do MicroAFERJ foi a informatização do processo de cartografia.

#### Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás

Em 2012, Vera Lucia dos Santos Augusto defendeu sua tese de doutoramento na USP com o trabalho Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás. Partindo da metodologia do Projeto ALiB, no que se refere ao instrumento de coleta de dados (Questionário Semântico-Lexical) e perfil dos informantes (denominados sujeitos pela autora), Augusto (2012) coletou dados geolinguísticos em nove municípios goianos, considerando-se a antiguidade dos pontos linguísticos, conforme se verifica:

Elegemos municípios que foram colonizados a partir de mais de cem anos de existência, independentemente da data de fundação e emancipação e que, ao nosso ver, conservam traços linguísticos adquiridos sob influência dos primeiros habitantes. Delimitamos, ainda, pontos que fazem fronteira com outros

estados e que representam historicamente o processo de formação do Estado de Goiás (AUGUSTO, 2012, p. 80).

Assim distribuída, a rede de pontos não contempla o nordeste e sudeste do estado, o que, do ponto de vista geolinguístico, não permite o traçado de isoléxicas para comprovar a existência de áreas dialetais em todo o estado. A autora apresenta um conjunto de 202 cartogramas linguísticos e discute os resultados em números absolutos e relativos, pautando-se na primeira resposta dos sujeitos, tratando os dados à luz da Linguística Estatística, postulada por Muller (1968).

### **Atlas em andamento**

Outros projetos surgiram inspirados no ALiB. Como exemplos, tem-se o Atlas Geo-sociolinguístico do Pará (ALiPA), o Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO), o Atlas Linguístico do Mato Grosso (ALiMAT), o Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), o Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN) e o Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES). Segundo Isquierdo (2006, p.79), esses atlas, “pautam-se nos princípios emanados da Dialectologia contemporânea, que se preocupa com o estudo da variação espacial aliada à variação social”. A seguir apresentam-se algumas características gerais desses atlas.

#### O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará (ALiPA)

Coordenado por Abdelhak Razky, o ALiPA é um atlas linguístico que tem, marcadamente, um viés sociolinguístico, pois consideram-se informantes de três classes sociais (baixa, média e alta) e de três faixas etárias (15-25, 16-49 e mais de 50 anos), de escolaridade nula, de ensino fundamental e ensino médio e ambos os sexos, na zona urbana. Nesse atlas são realizadas também entrevistas na zona rural com informantes pertencentes a duas faixas etárias (18-30 e de 40 a 70 anos), com escolaridade até, o no máximo, o 5º ano do ensino fundamental, também com homens e mulheres. A rede de pontos é

constituída, dessa forma, por 57 localidades disseminadas em 16 mesorregiões do estado do Pará.

#### Atlas Linguístico de Rondônia (ALiRO)

Uma equipe de cinco pesquisadores da Universidade Federal de Rondônia, coordenados pela Dr<sup>a</sup>. Iara Maria Teles, estão elaborando o Atlas Linguístico de Rondônia, guiados pelos pressupostos metodológicos do ALiB, o que possibilitará posteriormente estudos comparativos. A rede de pontos compreende 15 localidades (12 municípios e 3 distritos) abrangendo três regiões do estado. Em 2009, a coleta de dados estava praticamente concluída e, atualmente, os dados estão sendo transcritos e revisados. Segundo Teles (2009), pretende-se publicar o ALiRO em formato digital sob a supervisão de dois importantes dialetólogos brasileiros: Vanderci de Andrade Aguilera, da UEL e Abdelhak Razky, da UFPA.

#### Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)

O Projeto do ALiMA está sendo desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão, sob a liderança de Conceição de Maria de Araújo Ramos. Segue os pressupostos metodológicos do ALiB, sendo, porém, ampliado o instrumento de coleta com um questionário específico para registrar as características marcadamente regionais, além da inclusão de nove localidades às já selecionadas pelo ALiB. Os dados foram coletados e encontra-se em fase de transcrição e revisão.

#### Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN)

Projeto em fase de implementação, coordenado por Maria das Neves Pereira, da Universidade Potiguar (UnP), conta com uma rede de pontos composta de 11 localidades. Segundo Pereira (2007, p. 27), o projeto está com 80% dos inquéritos experimentais aplicados. Os inquéritos definitivos do litoral já foram concluídos, constituindo o objeto da tese de doutoramento da autora

pela UFRJ – O Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar. Foi adotada a metodologia do ALiB com algumas adaptações quanto à faixa etária dos informantes e os instrumentos de coleta.

#### Atlas Linguístico do Mato Grosso (ALiMAT)

O projeto do Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso – ALiMAT é coordenado por José Leonildo Lima. Além do professor, participam do projeto Cássia Regina Tomanin e Valéria Faria Cardoso. Este atlas seguirá a metodologia do ALiB, no que se refere ao perfil dos informantes e instrumentos de coleta de dados (com adaptações). O projeto prevê uma rede de 16 localidades: Alto Garças, Aripuanã, Barra do Bugres, Barra do Garças, Cáceres, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Diamantino, Itiquira, Paranatinga, Poconé, Rondonópolis, Rosário Oeste, São Félix do Araguaia, Tesouro, Vila Bela da Santíssima Trindade, alguns coincidentes com os pontos do ALiB, o que possibilitará estudos comparativos de várias naturezas. O projeto teve uma parte financiada pela Universidade do Estado de Mato Grosso e outra está sendo custeada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso – FAPEMAT. O projeto está em andamento.<sup>††††</sup>

#### Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES)

Este atlas é coordenado por Catarina Vaz Rodrigues, da Universidade Federal do Espírito Santo, e assessorado pela Dr<sup>a</sup>. Vanderci de Andrade Aguilera. O ALES encontra-se em fase de coleta e de transcrição dos dados. Foram inquiridos homens e mulheres de 30 a 55 anos de escolaridade máxima até o 5º ano do Ensino Fundamental, distribuídos por 30 localidades do estado. Foram adotados os questionários do ALiB com as necessárias alterações, além de um questionário de aspectos específicos do estado do Espírito Santo.

---

<sup>††††</sup> Informações obtidas via correio eletrônico com o coordenador do projeto.

### Atlas Linguístico do Amapá

Coordenado por Abdelhak Razky, da UFPA, e por Celeste Maria da Rocha Ribeiro, da Universidade Federal do Acre, o Atlas Linguístico do Amapá encontra-se numa primeira etapa de sua elaboração – coleta de dados. O ALAP visa a “identificar e mapear a variação linguística em 10 localidades do Estado, procurando evidenciar as variedades linguísticas mais e menos recorrentes, assim como as variações fonéticas e semântico-lexicais características de cada região” (SANCHES; RIBEIRO, 2013). O projeto pauta-se na metodologia empregada pelo ALiB quanto ao perfil dos informantes e aos instrumentos de coleta e, em sua cartografia, buscará apresentar informações de natureza acústica que permitam o acesso direto à voz do próprio informante, em sincronização com a indicação do ponto onde ele se situa<sup>\*\*\*\*</sup>.

### Atlas estaduais projetados

Há notícias de quatro projetos de atlas estaduais em diferentes estágios de andamento, a seguir apresentados e brevemente descritos:

i) O Atlas Linguístico-sonoro do Estado do Rio de Janeiro, idealizado por Cláudia Cunha, pesquisadora do projeto ALiB e professora da UFRJ, está em fase de implementação. Este atlas adotará o QFF do ALiB, aplicado a uma rede de pontos composta por 24 localidades, contemplando 8 microrregiões do Estado. Em cada localidade serão inquiridos 4 informantes de nível fundamental (máximo 5º ano), de ambos os sexos, pertencentes a duas faixas etárias: 18-50 anos e de 50 anos em diante. Este projeto visa à publicação dos dados em CD-ROM, por meio do qual será possível ouvir a fala dos informantes, integrando imagem, texto e som.

---

<sup>\*\*\*\*</sup> Mais informações sobre o ALAP podem ser encontradas em: <http://alap.webnode.com.br/alap/>. Acesso: 08 set. 2013.



ii) Há notícias do projeto do Atlas Linguístico do Estado do Piauí apresentado pela professora Maria do Socorro Silva de Aragão e coordenado por Luiz Egito de Souza. O projeto está em fase inicial de elaboração e seguirá a mesma metodologia do ALiB com as adaptações necessárias, além de questionários específicos que contemplem as principais manifestações artístico-culturais e os produtos agrícolas do Estado do Piauí<sup>§§§§</sup>.

iii) O Atlas Linguístico do Pernambuco (ALiPE): do arrecife dos navios à califórnia sertaneja é um projeto de doutoramento apresentado por Edmilson José de Sá ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Dr<sup>a</sup>. Maria do Socorro Silva de Aragão. A proposta prevê 22 pontos de inquéritos. Além dos questionários do ALiB, consta um questionário com 41 questões específicas do estado sobre folguedos e danças (frevo e maracatu) e artesanato (renascença e barro)<sup>\*\*\*\*\*</sup>.

iv) O Atlas Linguístico do Acre (ALiAC) é um projeto coordenado pelas professoras Lindinalva Messias do N. Chaves, da Universidade Federal do Acre, e Maria do Socorro Silva de Aragão, da Universidade Federal da Paraíba. A proposta é coletar dados em 22 localidades, junto a 92 informantes naturais da região linguística, de ambos os sexos, alfabetizados até no máximo o quinto ano do Ensino Fundamental. Os informantes devem enquadrar-se em duas faixas etárias: faixa I: de 18 a 30 e faixa II: 45 a 60 anos. A pesquisa utilizará os questionários elaborados pela equipe do Projeto ALiB. Serão elaborados e aplicados, também, questionários sobre as principais manifestações culturais e os principais produtos agrícolas do Estado. Ainda não

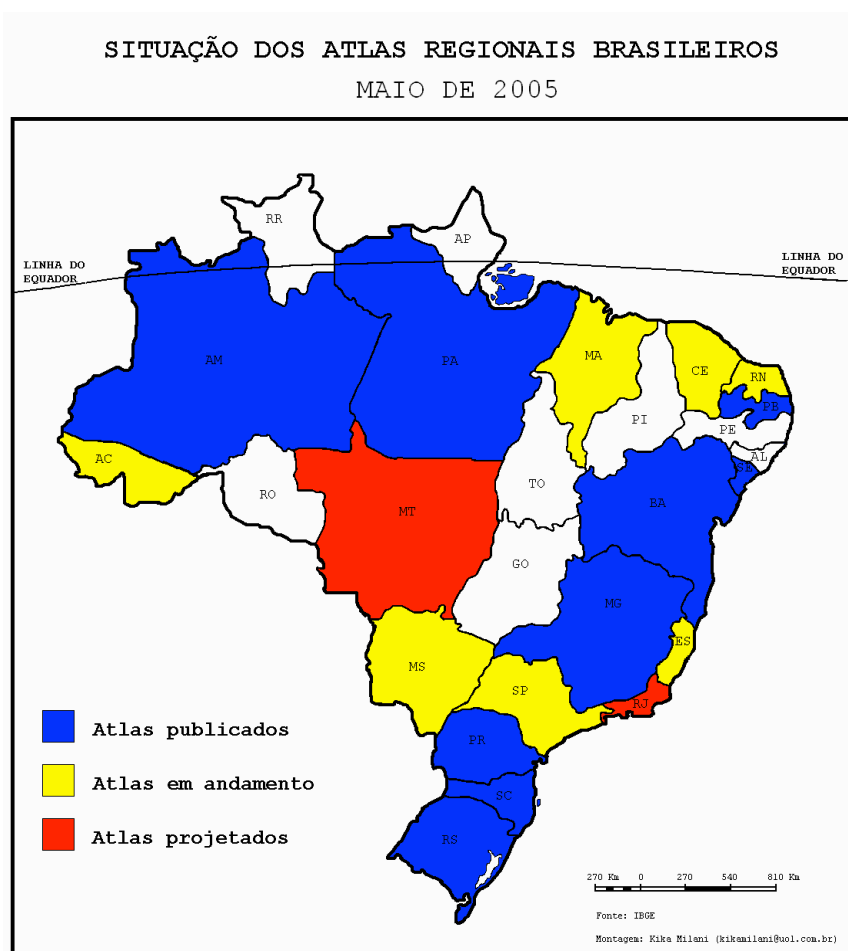
---

§§§§ Disponível em: [http://www.lingv.ro/resources/scm\\_images/RRL-12-2008-Socorro-Aragao.pdf](http://www.lingv.ro/resources/scm_images/RRL-12-2008-Socorro-Aragao.pdf) Acesso em: 01 ago. 2013.

\*\*\*\*\* Informações obtidas via correio eletrônico fornecidas pelo pesquisador. Tem-se notícias de que, no início de dez. de 2013, Sá defendeu a tese e passou para a etapa de preparação da versão final do trabalho.

foi realizado nenhum inquérito e até o momento foi apenas feito um treinamento com o os alunos que serão auxiliares na pesquisa.<sup>++++</sup>

Conforme se verifica, atualmente, é grande o avanço dos estudos geolinguísticos que visam à elaboração de atlas linguísticos de um estado da Federação. Aguilera (2006) faz um balanço desses estudos apresentando um mapa que revela a situação dos atlas estaduais<sup>++++</sup>, em maio 2005, reproduzido na Figura 1.



<sup>++++</sup> Informações obtidas via correio eletrônico fornecidas pela coordenadora do projeto Maria do Socorro Silva de Aragão.

<sup>++++</sup> Neste trabalho, considera-se que no Brasil há apenas um atlas regional, o ALERS, os demais são atlas estaduais ou de pequeno domínio, pois restringem-se aos limites políticos de um estado ou regiões específicas de um território.

Figura 1. Situações dos Atlas Linguísticos Estaduais. Fonte: Aguilera (2005)

Apesar de autora apresentar o mapa (Figura 1) incluindo o Atlas Linguístico do Amazonas na categoria “publicados”, sabe-se que este atlas até o momento ainda não teve sua publicação. O que se observa a partir do texto de Aguilera (2006) é que, na época, oito estados contavam com atlas linguísticos, sete estavam com atlas em andamento e dois com atlas projetados. Com base no que foi descrito sobre os estudos geolinguísticos brasileiros até o momento, apresenta-se um mapa semelhante ao de Aguilera (2006), porém atualizado com informações recentes. Considera-se, na Figura 2, apenas o ALESP como atlas interrompido, ou seja, iniciado, mas não concluído, visto que para o estado do Acre, atualmente, existe um novo projeto de atlas linguístico.

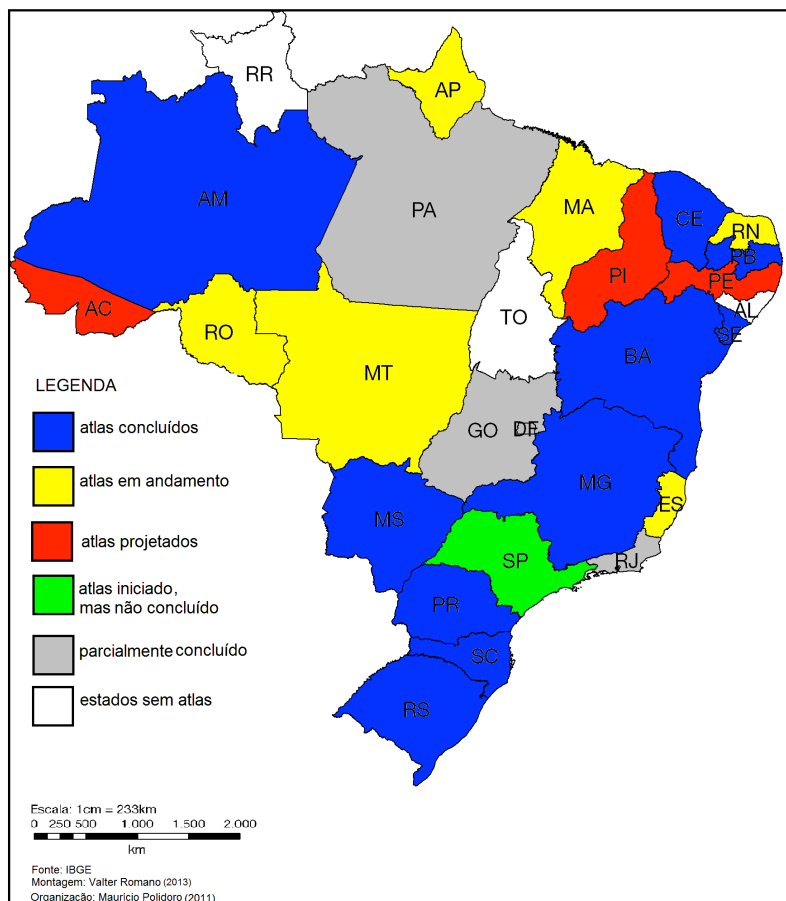


Figura 2. Situação dos atlas estaduais brasileiros (set. 2013). Fonte: elaboração própria

Em 2013, o número de estados que não possuem atlas diminuiu para três. O Atlas Linguístico do Mato Grosso, que até 2005 era um projeto, começou a ser desenvolvido. Atlas, antes em andamento, como, por exemplo, o ALMS e o ALCE, em 2013, já se encontram publicados. E os estados do Piauí e Pernambuco, onde não havia projeto de atlas, em 2005, passaram à categoria de atlas projetados nesse novo levantamento. Soma-se a estes, o estado do Acre com uma nova proposta feita pela professora Maria do Socorro Silva Aragão. Tem-se ainda o Pará que possui apenas o Atlas Sonoro, portanto, se encontra parcialmente, concluído, uma vez que o Atlas Geo-sociolinguístico do Pará está em andamento. Nessa categoria, encontra-se o estado de Goiás, no entanto, este apresenta um Atlas Semântico-Lexical (AUGUSTO, 2012), carecendo, portanto, de um atlas que contemple também os outros níveis linguísticos como os fonético-fonológico e morfossintático e o estado do Rio de Janeiro, que até o momento tem apenas seu atlas fonético (ALMEIDA, 2008). Assim, aos 10 estados representados pela cor azul somam-se mais dois atlas estaduais: ALS II e o ALPR II.

Portanto, a Geolinguística brasileira conta, hoje, com 13 atlas estaduais concluídos (APFB, EALMG, ALPB, ALS, ALPR, ALiSPA, ALS II, ALAM, ALMS, ALPR II, Micro-AFERJ, ALCE e o Atlas Semântico-Lexical do estado de Goiás) quatro destes, até o presente momento, não publicados, o ALAM, o ALPR II, o Micro-AFERJ, o Atlas Semântico-lexical do estado de Goiás. Tem-se ainda um atlas regional concluído, o ALERS, e sete atlas estaduais em andamento (ALES, ALiMAT, ALiRO, ALiPA, ALiMA, ALiRN, ALAP). Somam-se ao panorama da

Geolinguística brasileira quatro atlas estaduais projetados (ALiSon-Rio, ALiPE, ALiPI e ALiAC) e dois atlas interrompidos (ALESP e ALAC<sup>§§§§§</sup>).

Além desses atlas linguísticos que abrangem os estados ou uma região da Federação, existem os denominados atlas de pequeno domínio, que contemplam determinada região dentro de um estado, de limites internacionais, de determinada etnia ou município.

### **Atlas de pequeno domínio**

A efetivação do projeto ALiB, sem dúvida, tem influenciado o desenvolvimento da mentalidade dialetológica que vem se instaurando nas universidades brasileiras (UFBA, UFPA, UEL, UFRJ, USP, UFMS, UFPB, UFCE, UFRGS, UFPB, UFC), sobretudo, devido ao incentivo de pesquisadores da área à elaboração de atlas de pequeno domínio.

Esses trabalhos vêm complementar as pesquisas de maior envergadura, revelando aspectos fonéticos, lexicais e morfossintáticos, de maneira mais pormenorizada, da língua falada em determinada região. Estes trabalhos contemplam diversas regiões brasileiras e são apresentados, sumariamente, considerando a ordem cronológica de sua elaboração (Quadro 1).

Conforme já salientado, nesta oportunidade, não se empreendeu uma descrição detalhada de cada um dos trabalhos, considerando-se as suas especificidades e perspectivas teóricas adotadas. Apresentam-se, a seguir, informações sintéticas sobre estes trabalhos como: o título, o ano de elaboração, o autor, a instituição em que se desenvolveu/desenvolve, a natureza do trabalho (dissertação, monografia, tese) e a situação em que se encontra.

---

<sup>§§§§§</sup> O ALAC não foi representado no mapa devido à escassez de informações sobre o projeto inicial de Luíza Lessa. Há notícias ainda de um projeto de tese de doutorado de Maranhão Barbosa-Doiron, orientada por Vanderci de Andrade Aguilera, que visa à elaboração do Atlas Linguístico do Estado do Alagoas, porém, na falta de informações científicas sobre o projeto, não entrou na sistematização aqui proposta.

**Quadro 1.** Panorama dos atlas linguísticos de pequeno domínio no Brasil (1987 - 2013)

<b>TÍTULO</b>	<b>ANO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>NATUREZA</b>	<b>SITUAÇÃO</b>
Aspectos Linguísticos da fala londrinense: Esboço de um atlas linguístico de Londrina – EALLO*****	(1987)	Vanderci de A. Aguilera	UNESP	Dissertação	Concluído
Esboço de um Atlas Linguístico de Tamarana/PR	(1997)	Rosana Simone Fabris	UEL	Monografia	Concluído
Esboço de um atlas linguístico de Centenário do Sul	(1997)	Tânia Mara de Podestá Pizolato	UEL	Monografia	Concluído
Pequeno Atlas lingüístico de Jaú. UEL (1997)	(1997)	Ana Paula Toratti	UEL	Monografia	Concluído
Estudo com vistas a um Atlas Linguístico da Ilha de Santa Catarina: Abordagem de aspectos semânticos lexicais.	(1999)	Lígia Maria Campos Imaguire	USP	Dissertação	Concluído
Aspectos linguísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolinguístico	(2000)	Fádua Maria Moisés Lino	UEL	Dissertação	Concluído
Pelos caminhos da geolinguística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis	(2001)	Fabiane Cristina Altino	UEL	Dissertação	Concluído
Estudo geolinguístico de aspectos semântico-	(2002)	Sonia Sueli Berti Santos	USP	Dissertação	Concluído

\*\*\*\*\* Dentre os atlas de pequeno domínio, o EALLO é o único que empregou metodologia anterior ao ALiB, pois foi elaborado em 1985/86, portanto, pertence ao primeiro momento da Geolinguística brasileira, com foco na dimensão diatópica.

lexicais no campo semântico "alimentação e cozinha" no município de Sorocaba.					
Estudo semântico-lexical com vistas ao Atlas Linguístico da mesorregião do Marajó/Pará.	(2002)	Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva	USP	Dissertação	Concluído
Variação lexical e fonética na ilha de Marajó	(2004)	Arlon Francisco Carvalho Martins	UFPA	Iniciação Científica	Concluído
Estudo geolinguístico de alguns municípios do litoral sul paulista: abordagem de aspectos semântico-lexicais	(2004)	Lígia Maria Campos Imaguire	USP	Tese	Concluído
Abordagem semântico-lexical no falar sorocabano, com base no questionário do ALiB	(2005)	Sonia Sueli Berti Santos	USP	Tese	Concluído
Estudo geolinguístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de Ilhabela	(2005)	Márcia Regina Teixeira da Encarnação	USP	Dissertação	Concluído
Atlas Linguístico do município de Ponta Porã-MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai	(2006)	Regiane Coelho Pereira Reis	UFMS	Dissertação	Concluído
Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara	(2006)	Luciana Gomes de Lima	UFRJ	Dissertação	Concluído
Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC	(2007)	Adriana Cristina Cristianini	USP	Tese	Concluído

Atlas Linguístico do Litoral Potiguar	(2007)	Maria das Neves Pereira	UFRJ	Tese	Concluído
Atlas Linguístico de São Francisco do Sul	(2008)	Tânia Braga Guimarães	UEL	Tese	Concluído
Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste do Mato Grosso	(2009)	Marigilda Antônio Cuba	UFMS	Dissertação	Concluído
Estudo sociogeolinguístico do município de Iguape: Aspectos semântico-lexicais	(2009)	Roseli Silveira	USP	Dissertação	Concluído
Atlas Linguístico da Mata-Sul de Pernambuco	(2009)	Edilene Maria Oliveira Almeida	UFPB	Dissertação	Concluído
Atlas Linguístico Léxico-semântico de Iguatu	(2009)	Fabiana dos Santos Lima	UFCE	Dissertação	Concluído
Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do litoral norte de São Paulo	(2010)	Márcia Regina Teixeira da Encarnação	USP	Tese	Concluído
Um estudo geossociolinguístico do Oeste do Paraná	(2010)	Sanimar Busse	UEL	Tese	Concluído
Atlas dos Falares do Baixo Amazonas	(2011)	Roseanny de Melo Brito	UFAM	Dissertação	Concluído
Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar	(2012)	Moisés Batista da Silva	UFCE	Tese	Concluído
Atlas Geossociolinguístico de Londrina	(2012)	Valter Pereira Romano	UEL	Dissertação	Concluído
Atlas dos Falares do Alto Rio Negro	(2012)	Jeiviane dos Santos Justiniano	UFAM	Dissertação	Concluído
Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê -	(2012)	Rita de Cássia da Silva Soares	USP	Tese	Concluído



São Paulo					
Atlas Linguístico Etnográfico da fronteira Brasil/Paraguai	(2013)	Regiane Coelho Pereira Reis	UEL	Tese	Concluído
Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário	(2013)	Beatriz Aparecida Alencar	UFMS	Dissertação	Concluído
Atlas Linguístico da Fronteira do Estado do Paraná com o Paraguai	(2012)	Valeska Gracioso Carlo	UEL	Tese	Andamento
Atlas Linguístico das Variedades do Português falado no Território Incaracterístico	(2012)	Marigilda Antonio Cuba	UEL	Tese	Andamento
Atlas Linguístico do Oeste de São Paulo	(2013)	Ariane Cardoso dos Santos	UEL	Dissertação	Andamento
Atlas Línguístico-Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata	(2013)	Cléo V. Altenhofen; Harald Thun	UFRGS	Projeto de pesquisa interinstitucional	Andamento

No total, a Geolinguística brasileira conta com 35 atlas de pequeno domínio, dos quais 31 estão concluídos (10 teses de doutorado, 17 dissertações de mestrado, três monografias de especialização e um atlas resultado de projeto de Iniciação Científica). Em andamento, encontram-se quatro atlas (duas teses, uma dissertação e um Projeto de pesquisa interinstitucional).

Vale notar que esses trabalhos enumerados seguiram diferentes aportes teóricos, bem como divergem em alguns aspectos metodológicos, conforme o objetivo de cada pesquisa e seu grau de aprofundamento. Porém, com exceção do EALLO, estes trabalhos tiveram/têm influência do ALiB na sua elaboração, o que confirma a importância desse projeto nacional e a sua influência nos estudos geolinguísticos brasileiros, constituindo-se mesmo um divisor de águas na Dialetoлогия e Geolinguística brasileiras.

Apresentaram-se aqui os trabalhos denominados como atlas linguísticos, por trazerem conjuntos de cartas linguísticas e revelarem aspectos da língua falada em determinada região. No entanto, são inúmeros os trabalhos de cunho geolinguístico, que, nesta oportunidade, não é possível enumerar, porém apresentam análises geolinguísticas com o *corpus* do Projeto ALiB, como os de Romano; Aguilera (2009), Aguilera (2010), Yida (2011), Freitas Marins (2012), Silva-Costa; Isquendo (2012), Ribeiro (2012), Romano; Seabra (*no prelo*), dentre muitos outros.

### **Considerações finais**

Pelo que foi exposto, verifica-se que uma periodização da Geolinguística brasileira sob uma perspectiva bipartida torna-se coerente, considerando-se como marco divisório o ano de 1996, momento crucial em que Projeto ALiB deu início às suas atividades.

O Primeiro Momento da Geolinguística no Brasil, correspondente ao início da década de 60 até 1996, tem como traço marcante a concretização da “mentalidade dialetológica” com obras que deram um primeiro impulso para a Geolinguística brasileira, indicando a necessidade de se empreender trabalhos empíricos para melhor conhecer o português do Brasil.

O Segundo Momento, de 1996 até a atualidade, caracteriza-se pelo incremento de outras variáveis à dimensão diatópica, bem como por enfoques de análises diferenciados no tratamento dos dados, que se refletem, sobretudo, na elaboração de *atlas de pequeno domínio*. Embora alguns dos trabalhos desse Segundo Momento, se distanciem quanto ao aporte teórico adotado, verifica-se a existência de um traço comum entre estes atlas, a presença do Projeto ALiB em seus aspectos metodológicos, seja na definição da rede de pontos, no perfil dos informantes ou no instrumento de coleta de dados. É esse fio norteador que tem dado coesão aos trabalhos e tem contribuído, sobremaneira, para o avanço dos estudos geolinguísticos no território nacional.

## Referências

- AGUILERA, V. de A. *Aspectos Linguísticos da fala londrinense: Esboço de um atlas linguístico de Londrina*. Londrina. 1987. 2.v. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Assis, 1987.
- AGUILERA, V. de A. *Atlas Linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- AGUILERA, V. de A. De onde vieram por onde anda as nossas libélulas e jacintas? Um estudo da etimologia popular com base em dados do Atlas linguístico do Brasil (ALiB). *Estudos linguísticos e literários*, n 41. Salvador: Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, jan-jun. 2010, p. 291-309.
- AGUILERA, V. de A. Geolinguística no Brasil: Estágio atual. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, dez. 2006, p. 215-238. Disponível em: < [http://www.abralin.org/revista/RV5N1\\_2/RV5N1\\_2\\_art10.pdf](http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art10.pdf)>. Acesso em: 04 set. 2013.
- AGUILERA, V. de A.(org.) *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998.
- AGUILERA, V. de A.(org.). *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005.
- ALENCAR, B. A. *Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário: uma descrição da língua portuguesa falada no extremo oeste de Mato Grosso do Sul*. 2013. 2 v. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2013.
- ALMEIDA, E. M. O. de. *Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco – ALMASP*. 2009. 128 f. Mestrado (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- ALMEIDA, F. da S. C. *Micro Atlas fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*. 2008. 2. v. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (orgs.) *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.
- ALTENHOFEN, C. V.; THUN, H. (coord.). *Projeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H)*. 2013 Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/projalma/index.html> >. Acesso em: 09 set. 2013.
- ALTINO, F. C. *Atlas Linguístico do Paraná II*. 2007. 2v. Tese. (Doutorado em

- Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- ALTINO, F. C. Estudos Dialetológicos no Paraná: convite a um passeio pela história. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina. v. 12, n.1, p.33-64, jul. 2009.
- ALTINO, F. C. *Pelos caminhos da Geolinguística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis*. 2001. 2 v. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, 2001.
- AMARAL, A. *O Dialeto Caipira: gramática e vocabulário*. 4.ed. São Paulo: HUCITEC; INL, 1982 [1920].
- ARAGÃO, M. do S. S. de. Atlas Linguístico da Paraíba. In.: AGUILERA, V. de A. (org.) *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005. p.75-100.
- ARAGÃO, M. do S. S. de; BEZERRA DE MENEZES, C. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.
- AUGUSTO, V. L. dos S. *Atlas Semântico-Lexical de Goiás*. 2012. 3 v. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BESSA, J. R. F. (coord.). *Atlas Linguístico do Ceará*. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- BRANDÃO, S. F. *A geografia lingüística do Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- BRITO, R. de M. *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM*. 2011. Vol I. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, 2011.
- BUSSE, S. *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná*. 2010. 2.v Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- CARDOSO, S. A. M. A Geolinguística no Terceiro Milênio: Monodimensional ou pluridimensional? *Revista do GELNE*. Ano 4, N. 2, 2002. Disponível em: <[http://www.gelne.org.br/RevistaGelne/arquivos/artigos/art\\_34a01e3a7b2f8deaa71b52a3df2d54c0\\_12.pdf](http://www.gelne.org.br/RevistaGelne/arquivos/artigos/art_34a01e3a7b2f8deaa71b52a3df2d54c0_12.pdf)>. Acesso em 02 set. 2013.
- CARDOSO, S. A. M. *Atlas Linguístico de Sergipe II*. Salvador: EUFBA, 2005.
- CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARLO, V. G. *Atlas Linguístico da Fronteira do Estado do Paraná com o Paraguai: um estudo piloto*. Comunicação oral. II CDIS, Congresso Internacional de Sociolinguística e Dialetologia, Belém, 2012.
- CONTINI, M. *La géolinguistique en Amérique latine*. Grenoble: Centre de Dialectologie, Université Stendhal-Grenoble 3, 2001-2002.

COSERIU, E. A geografia linguística. In.: *El hombre y su lenguaje*. Trad. Carlos A. da Fonseca; Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987, p. 79-117.

CRISTIANINI, A. C. *Atlas Semântico-lexical da região do Grande ABC*. 2007. 3. v. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CUBA, M. A. *A definição da rede de pontos em um atlas pluridimensional de caráter topodinâmico: questões teórico-pragmáticas*. Comunicação oral. II CDIS, Congresso Internacional de Sociolinguística e Dialectologia, Belém, 2012.

CUBA, M. A. *Atlas Linguístico da Mesoregião Sudeste de Mato Grosso*. 2009 .2.v.. (Dissertação) Mestrado em Estudos de Linguagens. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2009.

ENCARNAÇÃO, M. R. T. da. *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba* – municípios do litoral norte de São Paulo. 741 f. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ENCARNAÇÃO, M. R. T. da. *Estudo geolinguístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidade tradicionais do município de Ilhabela*. 2005. 167 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FABRIS, R. S. *Esboço de um Atlas Linguístico de Tamarana*. 1997. 75 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1997.

FERREIRA, C. Atlas Prévio dos Falares Baianos: alguns aspectos metodológicos. In.: AGUILERA, V. *Geolinguística no Brasil* – caminhos e perspectivas. Londrina: EDUEL, 1998, p. 15-29.

FERREIRA, C. et al. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. M. *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FREITAS MARINS, L. G. *O rural e o urbano: novos e velhos falares na região Centro-Oeste do Brasil*. 2012. 310 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

GUIMARÃES, T. B. *Para um Atlas Linguístico de São Francisco do Sul (ALSFS): há nesta ilha um falar específico?* 2007. 2. v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

IMAGUIRE, L. M. C. *Estudo com vistas a um Atlas Linguístico da Ilha de Santa Catarina: abordagem de aspectos semânticos lexicais*. 1999. 2v. + anexos. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

IMAGUIRE, L. M. C. *Estudo geolinguístico do litoral sul paulista: abordagem de aspectos semântico-lexicais*. 2004. 431 f. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

IORDAN, I. *Introdução à Linguística Românica*. Tradução Julia Dias Ferreira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

ISQUERDO, A. N. (org.) *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil e Portugal*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

ISQUERDO, A. N. Atlas regionais brasileiros publicados e em curso: percursos metodológicos. In.: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M (orgs.) *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 67-94.

JUSTINIANO, J. dos S. *Atlas dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN*. 2012. Vol. I. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, 2012.

KURATH, H. et al. *The Linguistic Atlas of New England*. Providence: Brown University Press, 1939.

LESSA, L. G.. Os estudos dialetais no estado do Acre. In.: AGUILERA, V. de A. *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998. p.137-141.

LIMA, F. dos S. *Atlas Linguístico léxico-semântico de Igatu*. - ALIg. 2009. 130 p. Mestrado (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2009.

LIMA, L. G. de. *Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara-AFeBG*. 2006. 2 v. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LINO, F. M. M. *Aspectos linguísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolinguístico*, 2000. 291p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000.

MARGOTTI, F. W. Geolinguística pluridimensional: desafios metodológicos. In.: *Anais do VIII Encontro do CELSUL*. 2008. Disponível em: <[http://celsul.org.br/Encontros/08/geolinguistica\\_pluridimensional.pdf](http://celsul.org.br/Encontros/08/geolinguistica_pluridimensional.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2013.

MARROQUIM, M. *A Língua do Nordeste*. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996 [1934].

MONTEIRO, C. *A Linguagem dos Cantadores*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1933.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Sobre a Dialektologia no Brasil. In.: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-34.

MULLER, C. *Initiation à la statistique linguistique*. Paris: Librairie Larousse, 1968.

NASCENTES, A. *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1958.

NASCENTES, A. *O Linguajar Carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].

NAVARRO, T. A. *El español em Puerto Rico: Contribuicions a la geografia linguística hispanoamericana*, 2. ed. Porto Rico: Rio Piedras, Editorial Universitaria, Universidad de Puerto Rico, 1966 [1946].

OLIVEIRA, D. G. de (org.) *ALMS – Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

PEREIRA, M. das N. *Atlas Linguístico do Litoral Potiguar*. 2007. 2 vol.. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PIZOLATO, T. M. de P. *Esboço de uma atlas linguístico de Centenário do Sul*. 1997. 167 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1997.

RADTKE, E. & THUN, H. (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl, 1996.

RAZKY, A. *Atlas linguístico sonoro do Estado do Pará (ALiSPA 1.1)*. Belém: s/ed. 2004 (Programa em CD-ROM).

REIS, R. C. P. *Atlas Linguístico do município de Ponta-Porã-MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai*. 2. v. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2006.

REIS, R. C. P. *Atlas Linguístico Etnográfico da fronteira Brasil/Paraguai: um registro das línguas em contato*. 2013. 2 v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RIBEIRO, J. et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1977.

RIBEIRO, S. S. C. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano*. 2012, 466 p. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal de Bahia, 2012.

ROMANO, V. P. *Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente*. 2012. 2v. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ROMANO, V. P.; AGUILERA, V. de A. Distribuição diatópica para as variantes para *tangerina*: um estudo geo-sociolinguístico.: In.: ISQUERDO, A. N.; ALTINO, F. C.; AGUILERA, V. de A. (orgs.) *Atlas linguístico do Brasil*:

descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores. CD vol. 1. Londrina: UEL, 2009, p. 148-157.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D. Menino, guri ou piá? Um estudo diatópico nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *Alfa: Revista de Linguística* (no prelo).

ROSSI, N. et al. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963

SANCHES, R.; RIBEIRO, C. Atlas Linguístico do Amapá: estudos dialetais e métodos de pesquisa. *Entrepalavras*. Ano 3. V.3, n.1, jan/jul. 2013, p 276-286.

SANTOS, S. S. B. *Abordagem semântico-lexical do falar sorocabano, com base no questionário do ALiB*. 2005. 2 v + anexos, + CD-ROM. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SANTOS, S. S. B. *Estudos geolinguísticos de aspectos semântico-lexicais do campo semântico 'alimentação e cozinha' (questionário do ALiB) no município de Sorocaba*. São Paulo, 2002. 227 p + anexos. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVA, M. B. da. *Atlas linguístico do centro-oeste potiguar*. 2012. 327 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SILVA, M. do P. S. C. da. *Estudo semântico-lexical com vistas ao atlas linguístico da mesorregião do Marajó/Pará*. São Paulo, 2002. 2 v. + anexos. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVA-COSTA, D. de S.; ISQUERDO, A. N. Um estudo etnolinguístico de designativos para 'gambá' no Brasil Central: contribuições do Projeto ALiB. *Estudos Linguísticos*. N. 41.2, 2012, p. 779-792.

SILVEIRA, R. *Estudo sociogeolinguístico do município de Iguape: aspectos semânticos-lexicais*. 2009. 188 f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

SOARES, R. de C. da S. *Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) - São Paulo*. 2012. 664 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

TEIXEIRA, J. A. *Estudos de dialectologia portuguesa: linguagem de Goiás*. São Paulo: Edit. Anchieta, 1944.

TEIXEIRA, J. A. *O falar mineiro*. Separata da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo. Departamento de Cultura, 1938.



TELES, I. M. Falares e aspectos culturais de Rondônia: a importância de estudos sociolingüísticos, fonéticos e dialetológicos. In: *Revista Signum: Estudos da Linguagem*. vol. 12.2, Londrina, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4201/4610>

Acesso: 08 set. 2013.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In.: RAENDONCK, D. V. et all. (Orgs.). *Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes*. Bruxelles, 1998, 367-409.

TORATTI, A. P. *Pequeno Atlas lingüístico de Jaú*. 1997. 90 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1997.

YIDA, V. *O campo semântico da alimentação e cozinha no Atlas Lingüístico do Brasil: um estudo lexical nas capitais*. 2011, 191 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.